



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

## **A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS IDENTIDADES DE GÊNERO CIRCULANTES NO DISCURSO PEDAGÓGICO E ENTRE OS ALUNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ANOS INICIAIS<sup>1</sup>**

**Tatiana Bonfada Trevisan<sup>2</sup>, Maria Simone Vione Schwengber<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup> PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA REALIZADO NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIJUI

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Educação Física da Unijuí, bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, inserida no Projeto: Educação Física e Atuações Docentes. Departamento de Humanidades e Educação (DHE)

<sup>3</sup> Professora do Curso de Educação Física e do mestrado em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Participante do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero – Geerge -, vinculado ao PPG-EDU da UFRGS do grupo Paidotribus.

**RESUMO:** Esta pesquisa qualitativa, com caráter de inspiração etnográfica, objetiva identificar a construção discursiva das identidades de gênero circulantes nas aulas de Educação Física, bem como conhecer como se estabelecem as relações de gênero nesse contexto. Para a organização dos dados lançamos mão de alguns recursos, tais como: observações das aulas e aplicação de questionário aos alunos. A amostra escolhida envolveu alunos/as dos Anos Iniciais da 4ª série de uma Escola de Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Ensino de Ijuí (RS). Os resultados obtidos com a pesquisa mostram que: a) as narrativas de gênero surgem por parte dos alunos com xingamentos, apelidos maldosos, ou até mesmo com agressividade; b) os meninos pela habilidade técnica do saber jogar futebol impõem-se no espaço (a quadra); c) há um desejo muito claro dos alunos pela esportivização priorizando a prática do futsal, nas aulas de Educação Física.

**Palavras chave:** Educação Física Escolar; Gênero; Práticas pedagógicas.

### **Introdução**

Dentro do âmbito educacional, as identidades vêm sendo discutidas por terem se tornado entendidas como instáveis, mutantes, transitórias e construídas acerca das relações estabelecidas pelos sujeitos. A constituição das identidades está vinculada ao grupo a que pertence inclusive pela posição de gênero que se ocupa (ou não).

Deste modo, a identidade de gênero é algo que não se desenvolve apenas biologicamente, mas que é produzida na e pela cultura. Assim, é importante, diferenciar sexo de gênero. Para Louro (2007), sexo não é o mesmo que gênero, tendo em vista que falar em sexo é se referir ao biológico do sujeito e falar em gênero diz respeito a sua construção social como sujeito masculino e feminino.

São múltiplas as práticas sociais, as instituições e os discursos que cercam os sujeitos, produzindo e reproduzindo identidades, produzindo e reproduzindo diferenças, distinções e desigualdades. A escola é uma dessas importantes instituições (LOURO, 1997, p. 87).





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

A escola, desde a sua materialidade física até a sua organização interna, já delimita o que se pode ou não fazer, separa e institui.

Compreendemos então que na sociedade contemporânea, o corpo se tornou local de construção das identidades. Durante as aulas de Educação Física os corpos estão muito expostos e, nesse sentido, surgem muitas manifestações de discriminações, de adjetivações, em que alguns corpos são flechados no coração, com descaso e preconceito. São elas: feio/bonito, forte/fraco, magro/gordo, alto/baixo, saudável/doente, masculino/feminino, lento/rápido, pobres/ricos, negros/brancos, homossexuais/heterossexuais; enfim as chacotas dos pontos fracos. Há uma forte celebração da boa aparência também nos espaços das aulas da Educação Física (SCHWENGBER, 2009, p. 39).

Nossas indagações centram-se em compreender como e quais narrativas de identidades de gênero são construídas a partir da ação discursiva docente e da ação discursiva entre os alunos.

Neste sentido, buscamos responder às seguintes questões:

Como o discurso pedagógico docente constrói relações de gênero na escola? Como e quais narrativas de identidade de gênero são construídas, a partir da ação discursiva docente? Como e quais narrativas de identidades de gênero são construídas a partir da ação discursiva entre os (as) alunos (as)? Quais são os principais enunciados (de gênero) presentes nestes discursos pedagógicos? Quais são os principais enunciados (de gênero) presentes nos discursos dos (as) alunos (as)? A partir de que ponto de vista se fala e para obter quais efeitos? Que formas de poder constituem estes enunciados? Que efeitos de poder eles causam? Como estão relacionados com outros enunciados (extra-discursivos)? Que outros discursos se atravessam?

### Metodologia

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa, com caráter de inspiração etnográfico, tipo estudo de caso, que visa à observação de um grupo de alunos, tentando entender seu comportamento nas aulas de Educação Física bem como a sua convivência com os colegas do sexo oposto.

A investigação foi realizada em uma escola da Rede Pública Municipal de Ensino, no município de Ijuí – RS. Os sujeitos investigados foram a professora de Educação Física e os alunos da 4ª série do Ensino Fundamental. O período de observação das aulas de Educação Física na escola foi de outubro a dezembro de 2011. As aulas aconteciam nas segundas-feiras, no horário das 9h45min às 11h30min. A finalidade foi observar o que acontecia durante as aulas: as narrativas discursivas entre os gêneros, como eram construídas as identidades de gênero, como se estabelecia a relação entre os gêneros, a atuação da professora, suas implicações com a cultura escolar na construção dos gêneros, e a distinção entre o masculino e o feminino. O instrumento de pesquisa foi aplicado na seguinte ordem: a) observação dos alunos e professor; b) aplicação de questionário com os alunos.

A escolha da escola se deu a partir de um contato com a Secretaria de Educação do município, a qual indicou o nome das escolas que tinham Educação Física nos Anos Iniciais ministradas por um profissional formado na área. Eram apenas seis escolas, das quais apenas esta mostrou-se disposta a colaborar com a pesquisa.

A Escola Municipal tem 682 alunos, 40 professores, 3 destes de Educação Física. Possui uma estrutura simples com todo o seu espaço térreo. Apresenta uma sala de professores, secretaria, sala de vídeo e





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

biblioteca com climatizadores, sala da direção, refeitório, banheiros e salas de aula. A escola não possui ginásio de esportes próprio, e utiliza o do bairro que se localiza ao lado da escola, o qual, nos dias de muita chuva, não pode ser ocupado, pois a quadra fica muito úmida. A escola tem uma estrutura muito bem-conservada; tem um pátio grande na frente rodeado de bancos ao ar livre e possui também uma pracinha nos fundos. Os alunos observados estudavam no turno da manhã, e as aulas de Educação Física também aconteciam neste turno.

A turma era composta de 23 alunos, sendo 13 meninas e 10 meninos. A professora formou-se pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) em 1999 e, além desta escola, lecionava em outra na cidade de Coronel Barros, RS.

### Resultados e discussão

De forma mais intensa, na metade do século 20

[...] a EF estabeleceu uma relação simbiótica com o esporte, por meio da qual esse fenômeno, em sua forma institucionalizada, acabou sendo praticamente hegemônico nas aulas de Educação Física. A ponto de, no senso comum, ser plenamente possível confundir EF escolar com prática esportiva [...] (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER; LEMOS, 2007).

O processo anteriormente descrito ficou conhecido como esportivização da Educação Física escolar, o qual foi hegemônico durante várias décadas, até começar a ser questionado pelo movimento renovador em meados dos anos 80. A principal iniciativa deste movimento foi de “elevar” a EF à condição de disciplina escolar, tirando-a da categoria de mera atividade (BRACHT; GONZÁLEZ, 2005).

Considera-se, no entanto, “que a EF se encontra “entre o não mais” e o “ainda não”, ou seja, entre uma prática docente na qual não se acredita mais, e outra que ainda se tem dificuldades de pensar e desenvolver” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009). Em alguns momentos da cena percebe-se claramente essa dificuldade de pensar e desenvolver a Educação Física. João diz para a professora: “Tia, não vou alongar, tô cansado. Não quero fazer exercício, vou fazer no judô depois, eu só quero jogar bola”. Neste caso a professora perdeu até o seu cargo; passou a ser a “tia” e ele o dono de sua vontade. Enquanto a professora passa exercícios de alongamento no centro da quadra, “quatro meninos pegam a bola de futsal sem que a professora veja e começam a jogar em um canto do ginásio”.

Observa-se que os meninos, desde o início da aula, oferecem muita resistência, pois querem apenas jogar futsal; têm o desejo claro pela esportivização. Eles parecem querer mostrar superioridade nas decisões das atividades da aula. Os meninos, mediante a habilidade técnica do saber jogar futsal, impõem-se no espaço (a quadra).

Apenas duas meninas participam do jogo normalmente, pois são aceitas pelos meninos por saberem jogar; as outras se autoexcluem. A professora, no entanto, não se esforça em ensinar o jogo para que todos aprendam. Ela parece que se exime de construir para e com as outras meninas da turma uma oportunidade quando não gerencia sua aula, quando faz do espaço educativo um espaço comum ao da rua.

Parece-me que quando a professora determina diversas atividades, as quais não têm a mesma lógica, ela não apresenta claramente um objeto central em suas aulas, ou seja, não define se o objetivo da aula é, por exemplo, desenvolver as habilidades de locomoção, estabilização, manipulação, entre outras. As



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

aulas parecem não ter planejamento, na medida em que a professora repete as mesmas atividades e estas não seguem uma sequência na própria aula e nas demais.

As relações de gênero ocorrem no sentido de que os alunos parecem querer mostrar superioridade ou autoridade uns perante os outros. Eles não conseguem conversar sobre as coisas; preferem brigar. Outro fato interessante é que algumas meninas apresentam um comportamento parecido com o que a cultura estabelece ser de homem. Agressividade, chutes, empurrões, palavrões, estão longe do comportamento esperado para uma menina, que é de delicadeza e de recato.

Neste caso, ao se mostrarem resistentes às imposições feitas pelos meninos, tornam-se defensoras de um espaço de opinião e atitudes próprias e não mais de submissão como foi por um grande período de tempo. Comportamentos como estes acontecem preferencialmente nas aulas de Educação Física, pois é o momento no qual os corpos estão livres, diferente da organização de uma sala de aula.

Dentro do processo de esportivização, foi possível perceber que nem todos os alunos gostam do futsal, pelo motivo de que os mais fortes e habilidosos ficam sempre no mesmo time. Percebe-se isso quando o menino diz: “eu não gosto de futsal, sempre os mais fortes contra os mais fracos, eu gosto de jogar vôlei”. Claro que o voleibol também é um esporte, no entanto ele, na maioria dos contextos escolares, é praticado pelas meninas, ou, nesse caso, meninos menores/mais fracos. Os mais fracos sempre perdem e acabam se autoexcluindo da prática também por medo.

Não só o gênero exclui, também a força (as condições de aprendizagens corporais, essas mais que gênero, talvez) e o melhor desempenho no esporte, que faz com que alguns alunos (meninos) sintam-se superiores aos outros.

### Conclusões

É possível perceber nesta pesquisa o quanto é difícil manter uma harmonia entre meninos e meninas, bem como realizar um trabalho sem conflitos, no qual comportamentos são fortemente ligados à agressividade. As brigas e discussões iniciam, sem motivo grave aparente.

As narrativas de gênero surgem por parte dos alunos com xingamentos, apelidos maldosos, ou até mesmo com agressividade entre ambos os sexos. Palavras como “nanica”, “boca aberta”, “girafa”, “feioso”, são comuns em todas as aulas, assim como chutes, empurrões, tapas. Em relação à professora não é possível perceber em suas falas e ações distinção entre meninos e meninas, porém ela sempre tem mais problema com os meninos em suas aulas e as meninas ficam sempre preparadas para as atividades.

Acredita-se que estes comportamentos agressivos que ocorrem frequentemente são demonstrações de que meninos querem mostrar superioridade diante das meninas e estas não aceitam se mostram então dispostas a defender seu espaço também nas aulas de Educação Física.

Percebe-se nas cenas, além de alguns comportamentos indevidos, a presença forte de um fenômeno chamado esportivização, o qual prioriza o esporte nas aulas de Educação Física, e no caso desta, a prática delimitada do futsal apenas como jogo, sem nenhuma intervenção.

Com apenas duas cenas do cotidiano das aulas de Educação Física desta escola, é possível perceber o quanto é difícil a relação entre meninos e meninas e, mais ainda realizar, um trabalho diferenciado em um contexto como este.





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

#### Referências Bibliográficas

BRACHT, Valter; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física escolar. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Orgs.). Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 144-150.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; LEMOS, Lovane Maria. Formação do corpo e caráter: representações sociais dos gestores educacionais das escolas das redes públicas do município de Ijuí sobre o papel da educação física na educação formal. In: XII Jornada de Pesquisa, 2007. Anais da Jornada de Pesquisa, 8. Ijuí: Ed. Da Unijuí, 2007, p. 1-3.

GONZÁLEZ, F. J; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. Cadernos de Formação RBCE. Florianópolis, SC, 2009. V.1, no prelo.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Prosições, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008

SCHWENGBER, M. S. V. Meninas e meninos apresentam desempenho motor distinto? Por quê? Lecturas Educación Física y Deportes, v. 1, p. 1, 2009.